



## Estratégias de aprendizagem no ensino médio brasileiro: análise exploratória dos resultados

### Learning strategies in Brazilian high school: exploratory analysis of the results

Katya Luciane de Oliveira\*, Acácia Aparecida Angeli dos Santos\*\*, Amanda Lays Monteiro Inácio\*

\*Universidade Estadual de Londrina, \*\*Universidade São Francisco

#### Resumo

As estratégias de aprendizagem são métodos importantes utilizados pelo aluno no momento do estudo, uma vez que possibilitam a assimilação, o armazenamento e a recuperação dos conteúdos previamente armazenados. Foi objetivo do presente estudo analisar o uso das estratégias de aprendizagem no ensino médio brasileiro. Participaram 764 alunos matriculados no ensino médio. Utilizou-se a Escala de Avaliação das Estratégias de Aprendizagem para o Ensino Fundamental (EAVAP-EF). Os resultados demonstraram que a maioria dos participantes apresenta ausência de estratégias metacognitivas disfuncionais, que são métodos de estudo inadequados que podem interferir na aprendizagem do aluno.

*Palavras-chave:* aprendizagem, estratégias de aprendizagem, ensino médio.

#### Abstract

Learning strategies are important methods used by the student at the time of the study, since they allow the assimilation, storage and retrieval of previously stored contents. It was the objective of this study to analyze the use of learning strategies in Brazilian high school. 764 students enrolled in high school participated. The Learning Strategies Assessment Scale for Elementary Education (EAVAP-EF) was used. The results showed that the majority of the participants present lack of dysfunctional metacognitive strategies, which are understood as inadequate methods of study that can interfere in student learning.

*Keywords:* learning, learning strategies, high school.

Muitas perspectivas teóricas buscam compreender como ocorre o processo de aquisição do conhecimento, apontando principalmente para a relevância das diferenças individuais em situações de aprendizagem, enfatizando a necessidade de ampliar as considerações sobre a maneira de como se aprende (Oliveira et al., 2016; Santos, Amadi & Oliveira, 2005). Para Sternberg (1987), o campo de estudo que visa a compreensão da forma como o indivíduo aprende, armazena e recorda seus pensamentos e emoções, é denominado campo cognitivo.

O Cognitivismo se respalda nos estudos pioneiros de autores como Staats (1968), Bandura (1977) e Sternberg (1987), que partem do pressuposto da importância dos processos mentais e da cognição como possível explicação para determinados comportamentos dos

indivíduos (Oliveira, 2008). Partindo desse pressuposto, a teoria cognitiva se estabelece como um centro teórico consolidado no campo da aprendizagem social e da psicologia, sendo um referencial nos estudos acerca do desenvolvimento humano (Azzi, 2010; Eysenck, 2017).

Baseada no Cognitivismo, para a Teoria do Processamento da Informação (Sternberg, 2000) a mente humana funcionaria como uma estrutura básica que processa e armazena as informações e as impressões recebidas do meio, com movimentos semelhantes a um sistema de processamento de um computador (Bzuneck, 2004). Esta teoria tornou-se uma das mais proeminentes teorias psicológicas que servem para descrever o processo de aprendizagem, referindo-se a uma perspectiva psicológica onde ao se descobrir o modo como são processadas as informações, será possível descobrir os mecanismos que atuam em sua aprendizagem (Myers, 1998).

A Teoria do Processamento da Informação tem sido utilizada por psicólogos cognitivistas, contribuindo, segundo Dembo (1994), para o desenvolvimento das estratégias de aprendizagem enquanto procedimento envolvido na promoção do aprender a aprender. Sob essa perspectiva, as estratégias de aprendizagem podem ser definidas como todo comportamento ou pensamento com a intenção de interferir nos processos de aprendizagem, influenciando na motivação e na afetividade do aluno, a partir do modo como o mesmo seleciona, adquire, organiza ou integra novos conteúdos e processa as informações (Weinstein & Mayer, 1983).

As estratégias de aprendizagem se constituem no campo de investigação dos profissionais que se interessam pela aprendizagem humana, podendo auxiliar o estudante no controle de seus sistemas de processamento da informação e possibilitando os recursos necessários para uma aprendizagem autorregulada e para o sucesso acadêmico (Boruchovitch, 1999; Bortoletto & Boruchovitch, 2013). Do mesmo modo, essas estratégias podem ser utilizadas por estudantes e leitores, de maneira geral, para desenvolver suas habilidades. Portanto, tais estratégias podem ser consideradas como procedimentos, tarefas ou métodos que os alunos utilizam para alcançar determinado objetivo acadêmico ou tarefa escolar (Dembo, 1994; Oliveira et al., 2014).

Góes (2015) afirma que, no decorrer dos anos, o conceito estratégias de aprendizagem passou por inúmeras modificações, assim como, o entendimento do ensino e da aprendizagem vem se transformando com o passar do tempo. Valdés (2003) ao fazer uma retrospectiva do surgimento do conceito de estratégias de aprendizagem desde o início do século XX remete inicialmente aos anos entre 1920 e 1925, no qual as estratégias eram vistas como um produto da aprendizagem através de uma concepção didática Behaviorista.

Entre os anos de 1950 e 1970 a visão seria de um procedimento geral da aprendizagem com enfoque cognitivista e centrado nas operações mentais. Já nos anos de 1970 e 1980 surge um procedimento caracterizado como sendo mais específico da aprendizagem, baseado no modelo de mapas e esquemas também fundamentados da teoria cognitiva. A partir dos anos 1980 ocorreu uma ação mental mediada por instrumentos, prevalecendo os processos de autorregulação da aprendizagem (Valdés, 2003). Segundo Góes (2015), atualmente o uso das estratégias de aprendizagem almeja o desenvolvimento das capacidades metacognitivas dos indivíduos, a fim de que possam aprender e controlar a aprendizagem de forma autônoma.

As estratégias de aprendizagem podem ser explicadas por meio de diversos tipos de categorizações, sendo as principais, conforme um exame de literatura realizado por Boruchovitch (1999): Dembo (1994) e Garner e Alexandrer (1989); Weinstein e Mayer (1985); Danserau (1985); Zimmerman e Martinez-Pons (1986). Na sequência, serão explanadas cada uma dessas teorias.

Dembo (1994), Garner e Alexandrer (1989) classificam as estratégias de aprendizagem em dois grandes grupos, sendo eles, as estratégias cognitivas e as metacognitivas. As estratégias cognitivas se referem a comportamentos e pensamentos que possibilitam que a informação seja armazenada de modo mais efetivo, envolvendo a maneira como o indivíduo percebe analiticamente as partes para entender o todo, podendo ser dividida em três categorias de estratégias: ensaio (repetir, copiar, sublinhar), elaboração (resumir, criar analogias, responder perguntas) e de organização (selecionar ideias, fazer esquemas e mapas). Por sua vez, as estratégias metacognitivas apresentam maior grau de complexidade, pois se relacionam com a tomada de consciência necessária para a execução de uma tarefa e com a capacidade de pensar sobre os próprios pensamentos, envolvendo planejamento, regulação, controle e execução do processo (Alcará & Santos, 2013; Scacchetti, Oliveira & Moreira, 2015).

Ainda segundo Dembo (1994), a metacognição envolve três tipos de conhecimentos: o declarativo, o procedimental e o condicional. O declarativo se relaciona ao autoconhecimento, ou seja, ao que o indivíduo já sabe sobre si mesmo e ao que influencia seu próprio rendimento. O procedimental diz respeito aos processos de pensamento sobre como executar determinada estratégia. O condicional se refere ao conhecimento sobre as condições que influenciam a aprendizagem. Face ao exposto, as estratégias cognitivas

e metacognitivas devem ocorrer de maneira integrada, de modo que o estudante além de possuir um repertório de estratégias e estar consciente de seus processos de aprendizado, saiba monitorar e regular seu aprendizado, aumentando as chances de obter um bom desempenho escolar (Marini & Boruchovitch, 2014; Oliveira, 2010; Prates, Lima & Ciasca, 2016).

Weinstein e Mayer (1985), por sua vez, identificaram cinco tipos de estratégias de aprendizagem: a de ensaio, elaboração, organização, monitoramento e estratégias afetivas. As estratégias de ensaio se referem ao comportamento de repetir por meio da fala e escrita o material a ser aprendido. A elaboração implica na realização de conexões entre o aprendizado novo e os conhecimentos que o indivíduo já possui. As estratégias de organização se referem à estrutura criada para apreensão dos conteúdos e o monitoramento implica na percepção do quanto à aprendizagem está sendo eficaz. Por fim, as estratégias afetivas dizem respeito à eliminação dos sentimentos negativos, como desmotivação e ansiedade, que podem vir a atrapalhar o aprendizado (Boruchovitch, 1999).

Danserau (1985) diferenciou as estratégias em estratégias primárias e de apoio. Assim, as estratégias primárias são aquelas ligadas diretamente à execução das tarefas, ou seja, ajudam o aluno a integrar e organizar as informações necessárias ao aprendizado. As estratégias de apoio, por sua vez, fazem parte da manutenção de um estado interno satisfatório que acaba por favorecer a aprendizagem, auxiliando o indivíduo no estabelecimento de condições apropriadas para estudar (Boruchovitch, 1999; Souza, 2010).

Ainda é possível identificar na literatura científica a organização proposta por Zimmerman e Martinez-Pons (1986), que citam quatorze tipos de estratégias, sendo elas: autoavaliação, organização, transformação, estabelecimento de metas, planejamento, busca de informação, registro de informação, automonitoramento, organização do ambiente, busca de ajuda, rever, ensaiar, memorizar e revisão. Essas estratégias englobariam, conforme apontam os autores, comportamentos necessários para o processo de aprendizagem (Boruchovitch, 1999; Oliveira et al., 2010).

A literatura tem evidenciado o quão importante é para o desenvolvimento da autonomia e principalmente do desempenho acadêmico dos estudantes que estes identifiquem e compreendam as estratégias que utilizam para aprender (Boruchovitch, 1999; Oliveira et al., 2014). A compreensão, a utilização, o acompanhamento e a regulação dessas estratégias propiciam ao estudante posicionar-se de forma ativa e consciente frente ao processo de aprendizagem. Dessa forma, as estratégias de aprendizagem podem ser consideradas recursos importantes dos quais o estudante pode dispor no momento do estudo, visando maximizar a recuperação e a imediata utilização da informação em seu benefício (Souza, 2010).

As dificuldades de aprendizagem no contexto escolar frequentemente se relacionam com a ausência ou o uso inadequado de estratégias que poderiam auxiliar na aquisição de conhecimentos. Assim, torna-se imprescindível que o estudante além de conhecer as

estratégias que pode fazer uso no momento da aprendizagem, saiba como e em quais situações deve utilizá-las. Estudantes que conhecem e sabem empregar essas estratégias conseguem lidar com situações de aprendizagem de modo mais eficiente (Oliveira, 2010).

Souza (2010) e Perassinoto, Boruchovitch e Bzuneck (2013) afirmam que os professores, em primeiro lugar, devem estar cientes da existência das diferentes estratégias de aprendizagem, sua aplicabilidade e relevância para o aprendizado. Santos e Boruchovitch (2011) identificaram o despreparo dos professores para intervir junto aos seus alunos com estratégias de aprendizagem autorregulada. Isso se deve, possivelmente, à deficiência em sua própria formação, pois para que o professor prepare alunos capazes de aprender a aprender, é fundamental que ele mesmo saiba como realizar esse processo de maneira eficaz. Desse modo, o investimento em estratégias para a melhoria do processamento da informação e o desenvolvimento metacognitivo é necessário para a formação de professores autorregulados, a fim de que possam formar alunos conscientes dos seus próprios processos cognitivos.

Ao se considerar a importância das estratégias de aprendizagem para o sucesso escolar dos alunos, estudos vem sendo desenvolvidos nos últimos anos sobre essa temática no Brasil em diferentes níveis de ensino. Contudo, há um predomínio pelas etapas do ensino fundamental (Lima & Santos, 2016; Lopes, et al., 2017; Oliveira et al., 2014; Prates et al., 2016; Perassinoto et al., 2013; Trassi, 2016) e do ensino superior (Alcará & Santos, 2013; Beluce & Oliveira, 2016; Marini & Boruchovitch, 2014). Diante disso, pode-se observar uma escassez de produções referentes à etapa do ensino médio (Oliveira, 2010; Maciel, Souza & Dantas, 2015). Face as considerações trazidas e considerando a relevância do estudo das estratégias para os processos de ensino e aprendizagem, o presente estudo tem por objetivo analisar o uso das estratégias de aprendizagem no ensino médio brasileiro.

## Método

### Participantes

Participaram da pesquisa 764 estudantes matriculados no ensino médio brasileiro. Do total, 51,4% (n=393) eram do sexo feminino e 48,6% (n=371) do sexo masculino. A idade média dos alunos foi de 16 anos (DP=1,02), sendo 14 anos a idade mínima e 19 a idade máxima. Participaram ao todo, 282 alunos (36,9%) do 1º ano, 259 alunos (33,9%) do 2º ano e 223 alunos (29,2%) do 3º ano do ensino médio. El primer nivel de título irá centrado, en negrita y con únicamente la primera letra en mayúscula. El espaciado

### Instrumento

A Escala de Avaliação das Estratégias de Aprendizagem para o Ensino Fundamental - EAVAP-EF de Oliveira, Boruchovitch e Santos (2010) visa identificar as estratégias cognitivas e metacognitivas, bem como a ausência de estratégias metacognitivas disfuncionais utilizadas por alunos matriculados no

ensino fundamental, podendo sua aplicação ocorrer de forma individual ou coletiva. O instrumento é composto por 31 itens apresentados em escala Likert de 3 pontos, sendo: sempre (2 pontos), às vezes (1 ponto) e nunca (0 ponto). A pontuação é invertida nas questões da subescala ausência de estratégias metacognitivas disfuncionais.

A pontuação total da escala pode variar entre 0 e 62 pontos, na subescala estratégias cognitivas de 0 a 22 pontos, na subescala estratégias metacognitivas de 0 a 14 pontos e na subescala ausência de estratégias metacognitivas disfuncionais de 0 a 26 pontos. Destaca-se que dos 31 itens presentes na escala, 12 foram adaptados por Scacchetti e Oliveira (2012) para a realidade do ensino técnico profissional e utilizados no presente estudo com o ensino médio. O instrumento apresenta evidências de validade de constructo, conteúdo e outros critérios da escala, além de avaliação da fidedignidade.

### Procedimento e Análise de dados

A coleta de dados ocorreu de forma coletiva em sala de aula, com duração de aproximadamente 30 minutos, sendo recolhidos posteriormente os Termos de Consentimento assinados pelos alunos e seus responsáveis. A pesquisa se respaldou na Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde e seus complementares, sendo registrada e aprovada sob o nº de parecer 1.748.266. Os dados foram organizados em planilha eletrônica e adotou-se como método de análise a estatística descritiva para atender ao objetivo proposto.

## Resultados

O objetivo do presente estudo foi analisar o uso das estratégias de aprendizagem no ensino médio brasileiro. A Tabela 1 expõe os resultados obtidos pelos estudantes na Escala de Avaliação das Estratégias de Aprendizagem.

Tabela 1.  
*Média, desvio-padrão, pontuação mínima e máxima na EAVAP-EF*

Subescalas	M	DP	Pontuação Máxima e Mínima
Aus. Est. Metac. disfuncionais	13.01	4.37	0-26
Cognitiva	10.68	4.38	0-22
Metacognitiva	10.23	2.27	0-14
Pontuação Geral	33.94	6.90	11-53

É possível verificar mediante a Tabela 1 que a maioria dos estudantes do ensino médio apresenta ausência de estratégias metacognitivas disfuncionais (M=13,01; DP=4,37). Foi possível identificar ainda resultados aproximados entre as estratégias cognitivas (M=10,68; DP=4,38) e as estratégias metacognitivas (M=10,23; DP=2,27). Por fim, observou-se na Pontuação Geral (M=33,94; DP=6,90).

### Discussão

Ao se considerar que os estudantes do ensino médio demonstram ausência de estratégias cognitivas disfuncionais, que por sua vez são entendidas como métodos de estudo inadequados que podem interferir na aprendizagem do aluno, tais como alto nível de estresse e ansiedade, se alimentar ou executar outras atividades enquanto estuda, desatenção durante a aula, entre outros (Oliveira et al., 2010), pode-se pressupor, de modo geral, que os alunos não costumam adotar tais estratégias, que podem vir a prejudicá-los no momento do estudo. Essa consideração é reafirmada ao analisarmos os estudos de Trassi (2016) com o ensino fundamental, onde são observados resultados semelhantes quanto ao predomínio da ausência de estratégias cognitivas disfuncionais. Nesse sentido, hipotetiza-se que mesmo com o avanço das séries escolares no ensino básico brasileiro, os estudantes no ensino médio continuam fazendo pouco uso das estratégias de aprendizagem (cognitivas e metacognitivas) no momento do estudo, no entanto, não adotam comportamentos disfuncionais que possam atrapalhá-los no aprender.

Observou-se ainda que os alunos demonstraram fazer mais uso de estratégias cognitivas do que das estratégias metacognitivas, no entanto, estes resultados foram aproximados. Enquanto as estratégias cognitivas possibilitam o aprendizado mediante técnicas de ensaio, as estratégias metacognitivas envolvem a regulação dos processos de aprendizagem por meio de planejamento dos objetivos de estudo, monitoramento da compreensão das matérias, entre outros (Alcará & Santos, 2013). O resultado obtido no presente estudo se assemelha aos de Oliveira (2010) também com o ensino médio, onde observou em uma amostra de 347 estudantes, o uso de estratégias cognitivas e metacognitivas com pouca diferença, sugerindo que os alunos adotam comportamento similar para adquirir informações durante a aprendizagem.

Maciel et al. (2015) também encontraram resultados semelhantes ao analisarem uma amostra de 534 estudantes do ensino médio. Nessa amostra, verificou-se o uso de estratégias de aprendizagem cognitivas e metacognitivas diversificadas, sendo o predomínio por estratégias que denotam uma atitude mais proativa dos estudantes, o qual desencadeia um processo de trazer o significado associado a seu contexto e vivências. Nessa mesma direção, Oliveira (2008) identificou que pesquisas relacionadas às estratégias de aprendizagem indicam haver relação entre uso de estratégias de aprendizagem cognitivas e metacognitivas e uma boa habilidade cognitiva.

Posto que muitas das defasagens encontradas em alunos do ensino médio são recorrentes de lacunas presentes em etapas anteriores do ensino básico, ressalta-se a necessidade de que os professores tomem conhecimento e façam uso dessas estratégias em sala de aula, promovendo processos de ensino e aprendizagem mais efetivos e aprofundados ao aluno durante todo seu processo escolar (Oliveira, Santos & Rosa). Destaca-se ainda a falta de ênfase que as políticas educacionais conferem a instrumentalização dos professores para a

aprendizagem e posterior ensino desses recursos aos seus alunos. Essas considerações tornam-se ainda mais relevantes ao analisarmos o ensino médio como etapa que posteriormente levará o aluno ao ensino superior e/ou ingresso no mercado de trabalho, evidenciando assim a necessidade de um aprendizado que vise a formação integral do aluno, de modo que o mesmo possa fazer uso das estratégias de aprendizagem a seu favor, possibilitando uma melhora no desempenho acadêmico, na motivação para estudar e na aquisição do conhecimento de modo geral (Alcará & Santos, 2013; Inácio, 2017; Marini & Boruchovitch, 2014).

Face ao exposto, evidencia-se a importância do mapeamento das estratégias de aprendizagem utilizadas pelos estudantes, posto que estas possam contribuir na aquisição e melhora do desempenho dos escolares. Além disso, cabe ressaltar que os resultados apresentados são exploratórios e devem ser aprofundados em estudos futuros no contexto brasileiro.

### Referências

- Alcará, A.R. & Santos, A.A.A. (2013). Compreensão de Leitura, Estratégias de Aprendizagem e Motivação em Universitários. *Psico*, 44(3), 411-420. <file:///C:/Users/Amanda/Downloads/Dialnet-ComprensaoDeLeituraEstrategiasDeAprendizagemEMoti-5631428.pdf>
- Azzi, R.G. (2010). Mídias, transformações sociais e contribuições da teoria social cognitiva. *Psico*, 41(2), 252-258. [http://teoriasocialcognitiva.net.br/wp-content/uploads/2014/09/AZZI\\_2010b.pdf](http://teoriasocialcognitiva.net.br/wp-content/uploads/2014/09/AZZI_2010b.pdf)
- Bandura, A. (1977). *Social learning theory*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall.
- Beluce, A.C. & Oliveira, K.L.O. (2016). Escala de Estratégias e motivação para aprendizagem em ambientes virtuais. *Revista Brasileira de Educação*, 21(66), 593-610. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782016216631>
- Bortoletto, D. & Boruchovitch, E. (2013). Learning Strategies and Emotional Regulation of Pedagogy Students. *Paidéia*, 23(55), 235-242. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-43272355201311>
- Boruchovitch, E. (1999). Estratégias de aprendizagem e desempenho escolar: considerações para a prática educacional. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 12(2), 361-376. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79721999000200008>
- Bzuneck, J.A. (2004). Aprendizagem por processamento da informação: uma visão construtivista. In E. Boruchovitch, & J.A. Bzuneck (Orgs.). *Aprendizagem: processos psicológicos e contextos social na escola* (pp.17-54). Petrópolis: Vozes.
- Dembo, M.H. (1994). *Applying educational psychology*. (5ªed.). New York: Longman.
- Eysenck, M.W. (2017). *Manual de Psicologia Cognitiva*. (7ªed.). Porto Alegre: Artmed.
- Góes, N.M. (2015). *Análise das estratégias de aprendizagem de alunos de um curso de pedagogia ofertado a distância e a atuação do tutor*. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Londrina, Paraná,

- Brasil.  
[http://www.uel.br/pos/mestrededu/images/stories/downloads/dissertacoes/2015/2015\\_-\\_GOES\\_Natalia\\_Moraes.pdf](http://www.uel.br/pos/mestrededu/images/stories/downloads/dissertacoes/2015/2015_-_GOES_Natalia_Moraes.pdf)
- Inácio, A.L.M. (2017). Estilos Intelectuais, Estratégias de Aprendizagem, Compreensão em Leitura e Desempenho Escolar no Ensino Médio. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Londrina, Paraná, Brasil.
- Lima, T. & Santos, A.A.A. (2016). Compreensão de leitura e o uso de Estratégias de aprendizagem: estudo correlacional. *Argumentos Pró-Educação*, 1(1), 103-117. <http://dx.doi.org/10.24280/ape.v1i1.64>
- Lopes, R.S., Versuti, F.M., Elias, L.C.S. & Zanini-Correia, M.R.G. (2017). Habilidades sociais, Estratégias de aprendizagem e desempenho acadêmico de alunos participantes e não participantes do PIBID. *Scientia Plena*, 13(5), 1-7. <https://dx.doi.org/10.14808/sci.plena.2017.059902>
- Maciel, A.C.M., Souza, L.F.N.I. & Dantas, M.A. (2015). Estratégias de estudo e aprendizagem utilizadas pelos alunos do ensino médio. *Psicologia Ensino & Formação*, 6(1), 14-32. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pef/v6n1/v6n1a03.pdf>
- Marini, J.A.S. & Boruchovitch, E. (2014). Estratégias de Aprendizagem de Alunos Brasileiros do Ensino Superior: Considerações sobre Adaptação, Sucesso Acadêmico e Aprendizagem Autorregulada. *Revista Eletrônica de Psicologia, Educação e Saúde*, 4(1), 102-126. <https://revistaepsi.com/wp-content/uploads/artigos/2014/Ano4-Volume1-Artigo5.pdf>
- Myers, D. (1998). *Introdução à psicologia geral*. Rio de Janeiro: LTC.
- Oliveira, K.L. (2008). Escala de estratégias de aprendizagem para o ensino fundamental: análise de suas propriedades psicométricas. Tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, Brasil.
- Oliveira, K.L., Maieski, S., Beluce, A.C., Oliveira, G.T. & Santos, A. (2014). Propriedades psicométricas de uma escala de motivação e estratégias para aprender. *Avaliação Psicológica*, 13(1), 95-103. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-04712014000100012&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712014000100012&lng=pt&tlng=pt).
- Oliveira, K.L., Boruchovitch, E. & Santos, A.A.A. (2010). Escala de avaliação de estratégias de aprendizagem para o ensino fundamental – EAVAP-EF. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Oliveira, N.R.P. (2010). Motivação para aprender e estratégias de aprendizagem em alunos do ensino médio. Dissertação de mestrado, Universidade São Francisco, São Paulo, Brasil. <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp153140.pdf>
- Oliveira, K.L., Santos, A.A.A. & Rosa, M.T. (2016). Compreensão em leitura no ensino fundamental. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 36(3), 546-557. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-3703001172014>
- Oliveira, K.L.O., Trassi, A.P., Inácio, A.L.M. & Santos, A.A.A. (2016). Estilos de Aprendizagem e Condições de Estudo de Alunos de Psicologia. *Psicologia Ensino & Formação*, 7(1), 31-39. <http://dx.doi.org/10.21826/2179-58002016713139>
- Perassinoto, M.G.M., Boruchovitch, E. & Bzuneck, J.A. (2013). Estratégias de aprendizagem e motivação para aprender de alunos do Ensino Fundamental. *Avaliação psicológica*, 12(3), 351-359. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/avp/v12n3/v12n3a10.pdf>
- Prates, K.C.R., Lima, R.F. & Ciasca, S.M. (2016). Estratégias de aprendizagem e sua relação com o desempenho escolar em crianças do Ensino Fundamental I. *Revista Psicopedagogia*, 33(100), 19-27. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v33n100/03.pdf>
- Santos, A.A.A., Amadi, R.G. & Oliveira, K.L. (2005). Estilos de Aprendizagem e solução de problemas: um estudo com pré-escolares. *Interação em Psicologia*, 9(1), 1-9. <http://dx.doi.org/10.5380/psi.v9i1.3281>
- Santos, O.J.X. & Boruchovitch, E. (2011). Estratégias de aprendizagem e aprender a aprender: concepções e conhecimento de professores. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 31(2), 284-295. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932011000200007>
- Scacchetti, F.A.P. & Oliveira, K.L. (2012). Escala de avaliação das estratégias de aprendizagem para o ensino fundamental (EAVAP-EF) adaptada para uso no ensino técnico profissional. Manuscrito não publicado do Programa de Mestrado em Educação da Universidade Estadual de Londrina, Paraná, Brasil.
- Scacchetti, F.A.P., Oliveira, K.L. & Moreira, A.E.C. (2015). Estratégias de Aprendizagem no Ensino Técnico Profissional. *Psico-USF*, 20(3), 433-446. <http://dx.doi.org/10.1590/1413-82712015200306>
- Souza, L.F.N.I. (2010). Estratégias de aprendizagem e fatores motivacionais relacionados. *Educar*, 36, 95-107. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-40602010000100008>
- Staats, A.W. (1968). *Learning Language and Cognition*. New York: Holt, Rinehard and Winston, Inc.
- Sternberg, R.J. (1987). The psychology of verbal comprehension. In R. Glaser (Org.). *Advances in instructional psychology* (pp.97-151). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Trassi, A.P. (2016). Estilos Intelectuais, Raciocínio Verbal, Estratégias de Aprendizagem e Compreensão de Leitura no Ensino Fundamental. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Londrina, Paraná, Brasil.
- Valdés, M.T.M. (2003). Estrategias de aprendizaje: bases para la intervención psicopedagógica. *Revista Psicopedagógica*, 20(62), 136-142. [https://www.researchgate.net/publication/281005451\\_ESTRATEGIAS\\_DE\\_APRENDIZAJE\\_BASES\\_PARA\\_LA\\_INTERVENCION\\_PSIKOPEADAGOGICA](https://www.researchgate.net/publication/281005451_ESTRATEGIAS_DE_APRENDIZAJE_BASES_PARA_LA_INTERVENCION_PSIKOPEADAGOGICA)
- Weinstein, C.E. & Mayer, R.E. (1983). The teaching of learning strategies. *Innovation Abstracts*, 5(32). <http://files.eric.ed.gov/fulltext/ED237180.pdf>